



Os Jovens e a Literatura Brasileira Contemporânea¹

Bárbara M. de Paula²

Matheus Ordakowski³

Benedito Diélcio Moreira⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá MT

Resumo

Este artigo busca discutir como a literatura atual voltada para os jovens é vista e abordada por escolas e editoras. Através de uma observação do surgimento e evolução de livros para crianças e adolescentes no Brasil, bem como do mercado de livros brasileiros na atualidade, além do levantamento de questionamentos sobre as metodologias usadas pelas escolas para o estudo da literatura, buscamos discutir a importância da leitura na formação de indivíduos leitores.

PALAVRAS CHAVE: literatura; jovens; escolas; Brasil.

Introdução

O livro é uma das mídias que menos se modificou ao longo do tempo, embora comece a ganhar um novo espaço no universo digital. Apesar disso, ainda conserva sua peculiaridade e sua importância na transmissão do conhecimento. Hoje, com a tecnologia disponível, não faltam opções para se produzir obras cada vez mais interessantes no conteúdo e bem elaboradas no aspecto gráfico. Assim, a produção de novos livros e a formação de novos leitores são questões de extrema importância para uma cultura como a nossa que apela, não raramente, para o texto escrito para disseminar valores e histórias.

Analisando autores como Antônio Cândido (2002), Gabriela Luft (2007 e 2010) e Lúcia Santaella (2004), buscamos debater neste artigo sobre a história do livro infanto-juvenil no Brasil, seu surgimento, desenvolvimento e relevância em nossa sociedade contemporânea. Também abordamos como as escolas brasileiras tratam a literatura em seu currículo e a forma como as crianças e jovens inseridos nessas instituições são influenciados. Dedicamos especial atenção aos autores brasileiros

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior do XVI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação, 2º Semestre, curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo na UFMT, email: barbaramuller5@hotmail.com

³ Estudante de Graduação, 3º Semestre, curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, email: matheusordakowski@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social da UFMT, email: dielciomoreira@yahoo.com.br



contemporâneos, para também compreender a importância que eles ocupam no cenário nacional.

Ao propor uma discussão sobre como a literatura no Brasil é vista e apreciada pelos jovens, temos como objetivo alavancar questões acerca da eficiência das instituições de ensino no que diz respeito à criação de leitores e do hábito da leitura, e também dos motivos pelos quais autores estrangeiros ganham mais destaque do que os autores nacionais.

De Cinderela à Narizinho

O livro infantil é a porta de entrada das crianças para o mundo da leitura. É através dele que a maioria das crianças se interessa pela arte de contar histórias através da escrita. Seu surgimento foi tardio, se comparado aos livros escritos para adultos, e apesar de hoje representar (junto com o livro “juvenil” destinado ao público de adolescentes e jovens adultos) uma participação significativa (cerca de 15% de toda a produção das editoras entre 2008 e 2009) do cenário editorial brasileiro⁵, foi ignorado durante muito tempo pelas editoras no cenário nacional.

É a partir do final do XVIII que se pode observar uma produção literária voltada para as crianças, já que antes desse período não havia diferenciação entre livros infantis e adultos. Houve uma reorganização no sistema de ensino e, com isso, surgiu uma preocupação com a produção de livros de caráter pedagógico. As histórias eram ferramentas utilizadas para “introduzir algum aspecto gramatical, um fato histórico ou, até mesmo, para fixar algum parâmetro comportamental.” (LUFT, 2007, p.70) Entretanto, tanto o contato com histórias dos mais diferentes gêneros quanto o hábito de ler são imprescindíveis e amplamente discutidos na atualidade.

Segundo Antônio Cândido (2002), temos uma necessidade universal em “vivenciar” histórias, por isso usamos da ficção e da fantasia encontradas na literatura para suprir nossa necessidade de experimentação. “Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeamento poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar.” (CÂNDIDO, 2002, p. 86). Ou seja, além de sua função de entretenimento, a ficção também tem a capacidade de nos modificar subjetivamente em algum nível.

⁵ Associação Nacional de Livrarias. Disponível em: <http://www.anl.org.br/web/news/noticia_11.html> Acesso em: 29/03/2014



A literatura infantil possui um caráter pedagógico que serve de ferramenta para que os adultos exemplifiquem para as crianças o que é certo ou errado, que práticas devem ser seguidas e quais devem ser repudiadas na vida em sociedade. A maioria dos livros infantis traz como primeiro objetivo mostrar a visão do adulto sobre o mundo de forma infantilizada. Outro fator a ser considerado é que a literatura nos ajuda a construir e a partilhar símbolos; a literatura infanto-juvenil é um meio pelo qual crianças e adolescentes constroem o simbólico, daí a preocupação sobre o que os jovens estão lendo se faz importante e necessária.

Lúcia Santaella (2004) teoriza sobre três diferentes tipos de leitor que surgiram no decorrer da história humana e que exemplificam a relação entre leitura e sociedade. O primeiro é o “contemplativo”, aquele cuja prática de leitura se concentra em textos e imagens fixas. O segundo pode ser observado após a Revolução Industrial, quando há um rápido crescimento no número e na variedade de publicações, às quais ele é exposto diariamente, bem como a mistura de símbolos com as quais ele convive: o “leitor movente”. O terceiro, o “imersivo”, é aquele que lida com as novas formas de leitura presentes na modernidade, acostumado com a interação entre o texto escrito e com as imagens do mundo virtual. O surgimento de cada novo tipo de leitor não suprimiu o anterior, porém eles retratam como a prática de leitura se transformou e se adaptou com o passar do tempo e com o desenvolvimento do homem moderno.

Essa estreita relação entre literatura e sociedade tem seus reflexos e consequências na atualidade, quando os livros são utilizados como ferramentas de educação e os jovens tem cada vez mais facilidade ao acesso de seus conteúdos.

As histórias que são contadas no Brasil

Os movimentos literários no Brasil, inicialmente, procuravam reproduzir o estilo das histórias de origem europeia. Com o surgimento do Regionalismo podemos observar a busca por uma quebra do padrão vigente até então e a intenção de representar a cultura brasileira na literatura. Segundo Antônio Cândido:

Trata-se de um caso privilegiado para estudar o papel da literatura num país em formação, que procura a sua identidade através da variação dos temas e da fixação da linguagem, oscilando para isto entre a adesão aos modelos europeus e a pesquisa de aspectos locais. O Arcadismo, no século XVIII, foi uma espécie de identificação com o mundo europeu através de seu homem rústico idealizado na tradição clássica. O Indianismo, já no século XIX, foi uma identificação com o mundo não-europeu, pela busca de um homem rústico americano



igualmente idealizado. O Regionalismo, que o sucedeu e se estende até os nossos dias, foi uma busca do *tipicamente brasileiro* através das formas de encontro, surgidas do contato entre o europeu e o meio americano. Ao mesmo tempo documentário e idealizador, forneceu elementos para a auto identificação do homem brasileiro e também para uma série de projeções ideais. [...] a sua função social foi ao mesmo tempo humanizadora e alienadora, conforme o aspecto ou o autor considerado. (CÂNDIDO, 2002, p. 86)

Para exemplificar essa reprodução, o autor cita o sertanejo, personagem literária que representa o tradicional homem do campo. A função humanizadora citada por Cândido se dá pela intenção de mostrar o brasileiro de forma mais realista. Ao mesmo tempo, o caráter alienador está presente, já que essas características, muitas vezes exageradas, acabavam por distanciar culturalmente o campo e a cidade.

Lajolo e Zilberman (1984) resgatam a história do livro infantil brasileiro de 1890 até 1980, e a separam em dois períodos. O primeiro é composto por obras anteriores a Monteiro Lobato (histórias europeias ou mesmo produções brasileiras que não se desvinculavam do estilo europeu), nas quais há uma preocupação em demonstrar as virtudes nos personagens para que a história tenha um valor pedagógico.

É nas primeiras décadas do século XX que se solidifica a produção de uma literatura infanto-juvenil brasileira, na qual se constata a presença de protagonistas infantis, embora retratados de forma estereotipada, representantes de um projeto educativo e ideológico que via na escola e nos textos destinados a crianças e jovens aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos. (LUFT 2010 p.112).

Já o segundo período é marcado pelo surgimento e destaque das obras de Monteiro Lobato, que junto com outros autores como Graciliano Ramos, procurou escrever uma linguagem voltada para as crianças, usando da oralidade sem se ater muito à norma culta da língua. Dessa forma, as obras infantis dão foco ao folclore brasileiro, à valorização da cultura nacional, sem deixar de ter um caráter educativo (idem, p.112).

A partir da década de 60 há uma expansão na área do mercado editorial brasileiro dedicado a literatura juvenil. Os títulos começam a ganhar atenção da crítica, as histórias trazem temáticas mais realistas tratando de problemas sociais característicos do dia-a-dia dos jovens e o projeto gráfico passa a ter muita importância. (LUFT 2007, p.71) Nas palavras de Gabriela Luft:

Dada a expansão do mercado jovem e a bem-sucedida importação de produtos da indústria cultural, o período em questão também se caracteriza pelo aumento de gêneros e temas como a ficção científica e a narrativa de suspense. Configura-se uma revisão do mundo fantástico



tradicional, por meio da publicação de irreverentes e irônicas histórias de fadas. Também se delinea a incorporação da oralidade, a ruptura com a poética tradicional e a incorporação de procedimentos narrativos como a metalinguagem e a intertextualidade. Assim, ao mesmo tempo em que se propõe a falar com realismo da realidade histórica, sem retoques, a narrativa infanto-juvenil do período redescobre as fontes do fantástico e do imaginário. (LUFT 2010, p.113)

O Brasil tem hoje uma grande produção de livros infantis e a qualidade tanto das obras quanto dos autores é reconhecida internacionalmente. Entretanto não podemos falar da história do livro no Brasil sem evidenciarmos quem são seus leitores.

Formação de Jovens Leitores

Com já se sabe, a prática da leitura é considerada um hábito saudável. A literatura, além de entreter, influencia em nossa forma de observar e identificar o mundo. Tão logo o indivíduo se torne um consumidor de literatura, mas rapidamente transcenderá as barreiras do desenvolvimento cognitivo e crítico. Por esta razão, o incentivo precoce dentro e fora da sala de aula é muito discutido por pais e pedagogos.

A escola tem um papel fundamental na construção do hábito da leitura. É por meio dela que muitas crianças e jovens têm seus primeiros contatos com os livros. Segundo LUFT (2007, p.73):

A biblioteca escolar é o local por excelência para se apresentar a leitura como uma atividade natural e prazerosa, posto que, para muitas crianças, configura-se como a única oportunidade de acesso aos livros que não são didáticos. Entretanto, de encontro a um quadro literário tão rico, portador de tão significativas produções infantis e juvenis, às crianças e jovens brasileiros, o acesso ao livro é dificultado por uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos.

A literatura oferecida como método de estudo pelas escolas brasileiras, principalmente no período do ensino médio, geralmente é pautada em autores consagrados, como Machado de Assis, Clarice Lispector, José de Alencar, entre outros, mesmo que não exista nenhuma diretriz governamental que especifique quais autores ou obras devem ser estudados⁶. Essa valorização exclusiva de nomes consagrados no cenário brasileiro pode configurar um dos motivos pelo qual os professores não buscam explorar obras recentes como método de ensino para transmitir o conteúdo proposto.

⁶ Para melhor compreender a política de utilização de obras literárias, foram ouvidos dois professores (um da rede pública e outro da privada, sendo um do ensino médio e o outro do ensino fundamental) e um coordenador de ensino (que trabalha na rede privada,). Ao serem questionados sobre a adoção de livros, informaram que fica a critério do professor, ou do método de ensino adotado pela escola, a escolha dos livros que devem ser estudados em sala de aula, sendo que a maioria prefere os títulos clássicos por conta das exigências dos vestibulares.



Além disso, o estudo da literatura nas escolas brasileiras hoje está mais voltado ao formato dos textos e a classificação destes em períodos específicos de tempo, e não em como determinada obra, autor ou movimento influenciou na sociedade da época ou se esta influência está presente nos autores contemporâneos.

O ponto de vista estrutural consiste em ver as obras com referência aos modelos ocultos, pondo pelo menos provisória e metodicamente entre parênteses os elementos que indicam sua gênese e sua função num momento dado, e, portanto acentuam o seu produto caráter contingente mergulhado na história. (CÂNDIDO, 2002, p. 82).

Essa metodologia convencionada nas escolas de privilegiar os autores clássicos faz com que seja questionado este modelo de estudo literário quanto ao incentivo à leitura. Os alunos se sentem atraídos pela literatura clássica oferecida no âmbito escolar? Não seria hora de rever os títulos estudados a fim de aproximar as aulas da cultura vivenciada pelo jovem no dia-a-dia? Ao chegar ao ensino médio as aulas se tornam tão metódicas que perdem o foco de formar cidadãos leitores? Para discutir esses aspectos precisamos observar a realidade brasileira levando em conta a cultura de leitura atual do Brasil.

Mercado de Livros para Jovens no Brasil

De acordo com uma pesquisa feita pelo Instituto Pró-livro⁷, cerca de 50% dos participantes entrevistados são leitores, sendo considerados leitores aqueles que leram pelo menos um livro (mesmo que não o tenham terminado) nos últimos 3 meses; e 28% dos entrevistados responderam que gostam de ler em suas horas vagas, considerando que a leitura não é restrita a livros, mas também engloba revistas, jornais e conteúdo na Internet.⁸

⁷ Pesquisa patrocinada pela Câmara Brasileira do Livro, pelo Sindicato Nacional dos Editores de livros e Pela Associação Brasileira de Celulose e Papel, com o intuito de estudar o comportamento do público leitor brasileiro. A pesquisa foi realizada em 2011, abrangendo todo o país. Os dados estão disponíveis no seguinte endereço: <http://midiamix.net.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>. Acesso em: 31/03/2014 às 10:20h

⁸ Segundo os dados da pesquisa do Instituto Pró-livro, os adolescentes de 14 à 17 anos entrevistados leram em média, nos últimos três meses, 3,13 livros (sendo 2,53 livros indicados pela escola e 1 escolhido por conta própria) enquanto os entrevistados jovens, classificados entre 18 e 24 anos, leram em média 1,95 livros (sendo 0,74 indicado pela escola e 1,21 escolhido por conta própria). No panorama geral da pesquisa podemos observar que 41% (22,9 milhões de pessoas) dos entrevistados que são estudantes leem livros por escolha própria, contra 37% (44,6 milhões de pessoas) dos não estudantes, que também leem. Considerando o número de pessoas, a diferença da quantidade de livros que os dois nichos consomem é significativa e reforça a capacidade e a responsabilidade da escola de incentivar a leitura de forma que ela não fique restrita as paredes da sala de aula. Ao serem questionados sobre quais os motivos que os levam a ler um livro, os entrevistados que estavam cursando o ensino médio respondera principalmente: Atualização Cultural e Conhecimento Geral (60%), Prazer, Gosto ou Necessidade Espontânea (56%), Motivos Religiosos (35%), Atualização Profissional (27%) e Exigência Escolar ou Acadêmica (21%).



Não faltam títulos sendo lançados todos os anos no mercado brasileiro⁹. A literatura juvenil atual busca a inovação, interagindo cada vez mais com outras mídias para atender aos interesses dos leitores acostumados com os novos recursos trazidos pelo mundo virtual. Todos os anos vários títulos escritos para o público jovem se tornam verdadeiros fenômenos, e muitos acabam se transformando em filmes, *fan-fictions*, jogos, brinquedos entre outros, provando que esta é uma indústria lucrativa. Alguns exemplos recentes são a série *Harry Potter* da britânica J.K. Rowling (mais de 400 milhões de exemplares vendidos pelo mundo, segundo o site da Veja em reportagem publicada em 22/11/2010) e *Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien (uma estimativa entre 150 e 160 milhões de cópias segundo o site Revista Bula). Esses e outros títulos fazem parte da cultura de jovens leitores.

Podemos observar uma presença marcante da literatura estrangeira, principalmente em livros de Ficção, categoria de onde vêm a maioria dos títulos destinados ao público infanto-juvenil. O Skoob (rede social virtual brasileira, autointitulada maior rede de leitores do Brasil) apresenta dados dos livros mais lidos por seus usuários. A literatura contemporânea brasileira não aparece no ranking, (sendo que as quinze posições ocupadas pelos livros nacionais são obras de literatura clássica). Não são raros os casos de escritores que tiveram suas histórias rejeitadas pelas editoras, que afirmavam não haver, no Brasil, uma literatura para jovens (LUFT, 2007, p.68). Sendo assim, muitos editores preferem comprar uma história já pronta, que faz sucesso no exterior e já tem sua própria estratégia de marketing, do que apostar em uma história nova com um autor desconhecido.¹⁰

Um editor consultado afirma que existem produções voltadas ao público jovem e que a tendência da indústria internacional é investir cada vez mais para atender às necessidades dessa população. Entretanto, quando se fala de escritores nacionais não ocorre o mesmo. A falta de visibilidade dos nossos escritores se deve a vários fatores, entre eles o marketing. O que leva um jovem a ter interesse sobre um livro? Muitos autores apelam para as mídias sociais e a Internet em geral para divulgar seu produto, mas será que as mídias tradicionais sabem dar valor a essa prática?

Não seria então o momento de se repensar a prática da leitura nas escolas, valorizando não só autores clássicos, mas também aquele que inova e traz novos

⁹ Segundo o site do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), em 2012 foram lançados 57.473 títulos. Disponível em: <<http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>> Acesso em: 25 de março de 2014 as 22:18

¹⁰ Este comentário é de uma das editoras do Rio de Janeiro, obtido de um diretor em entrevista conduzida via email.



conceitos para conquistar leitores? É fato que os jovens têm contato com diferentes obras, por meio de sites sobre livros, redes sociais e até mesmo nas trocas de experiências com os amigos. Estes novos caminhos de informação são muitas vezes ignorados e mal explorados pelos adultos à sua volta. Com este procedimento para com os autores contemporâneos e a concentração dos estudos em obras que não correspondem à realidade cultural do jovem, podemos estar criando um abismo ainda maior na prática da leitura como hábito saudável e prazeroso.

Conclusão

A literatura é muito importante na formação de crianças e adolescente, já que ajuda a construir o simbólico, desenvolver o senso crítico e também é uma ferramenta amplamente utilizada para a transmissão de conceitos e valores sociais. Por meio das histórias, os jovens podem vivenciar uma realidade diferenciada que os ajudam a compreender melhor o mundo em que está inserido, além de propiciar momentos de diversão e lazer. A escola, como instituição, tem um papel fundamental no incentivo à leitura, porém o estudo da literatura acabou por tornar-se demasiado técnico e não aborda aspectos sociais e culturais inseridos nas obras. Sendo assim, os estudantes aprendem, por exemplo, sobre o que foram os movimentos literários, mas não sobre como cada obra foi fundamental e inovadora para a época em que foi publicada. Além disso, essa valorização dos autores clássicos faz com que os autores contemporâneos sejam muitas vezes desconsiderados em sala de aula.

A falta de visibilidade dos novos autores nas mídias faz com que muitos dos títulos mais recentes, que traduzem uma visão mais moderna do mundo e mais condizente com a cultura assimilada pelos jovens, passem despercebidos. Levando em conta os aspectos abordados, propomos uma reflexão a cerca da valorização dos autores contemporâneos na formação de jovens leitores, seja na escola como método estudo ou fora dela como forma de lazer.

Referências bibliográficas

DANTAS V. Antônio Cândido. Textos de Intervenção; seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas In.: CÂNDIDO A. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo. Editora 34, 2002. p. 81-90.

LUFT G. Revista Língua & Literatura. **A Nova Leitura Literária Infantil e Juvenil no Contexto dos Centros Culturais Multimídiais**. Frederico Westphalen. v. 10 n. 14 p. 67 – 83. Jul. 2007.



LUFT G. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. **A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências.** Brasília. n.36 p. 111-130. Julho-dezembro de 2010.

MARTHA A. A. P. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea **Alice ainda mora aqui: narrativa juvenil contemporânea.** Brasília, n. 36. p. 31-44. julho-dezembro de 2010.

HELLEN B. Comunicação Mídia e Consumo. **Comunicando a literatura ou literarizando a comunicação? Aproximações e distanciamentos entre comunicação e literatura.** São Paulo. Ano 8. v.8 n. 22 p. 13-33. Jul.2011